

## MANEJO TRADICIONAL NO CERRADO<sup>1</sup>

Vanessa Pinto Telles<sup>2</sup>

**Palavras – chave:** *Agroecologia, comunidades tradicionais, cerrado.*

### INTRODUÇÃO

A Agroecologia em sua característica principal integra diversos aspectos, agronômicos, ecológicos, socioeconômicos e principalmente o conhecimento empírico de comunidades tradicionais acumulados por muitas gerações conforme Almeida (2002). Esta definição se apresenta um tanto reducionista visto que se intensifica o debate em torno do tema e diversas interpretações conceituais são apresentadas na academia. Para alguns ela é uma atividade, uma prática, para outros é uma área do conhecimento científico (Altieri,2002), há ainda quem afirme que a proposição agroecológica apoia-se no uso potencial da diversidade social e dos sistemas agrícolas, especialmente aqueles que os agentes estão mais próximos dos modelos camponês e indígena. Agroecologia não despreza a ciência reducionista mas situa os fenômenos da agricultura em seu contexto ecológico e social (Shiva,2001). Porém uma característica ímpar da Agroecologia, em qualquer aspecto é a capacidade de transformações socio-econômicas e valorização dos saberes e dos conhecimentos tradicionais.

Através de uma pesquisa bibliográfica preliminar buscamos identificar alguns mecanismos agroecológicos enquanto estratégias de reprodução social a partir de estudos com algumas comunidades tradicionais, e enfocamos com destaque para as formas de uso das espécies vegetais no resgate da herança cultural que permeia os diversos usos dos recursos vegetais do Cerrado. Assim possibilitando melhor compreender a interação homem-Cerrado e, também, refletir sobre as várias diretrizes quanto ao uso apropriado das espécies de valor social e econômico, bem como, de valor ecológico e de conservação.

---

<sup>1</sup> Ensaio teórico, pesquisa preliminar.

<sup>2</sup> UFF- Universidade Federal Fluminense, graduanda do curso de Geografia Endereço para correspondência: Rua Guilherme Veloso, 151, Jacarepaguá – 22733-020 Rio de Janeiro/RJ. E-mail: val\_georj@yahoo.com.br

## DESENVOLVIMENTO

Ao lado da riqueza natural, o Cerrado abriga uma ampla diversidade cultural e social, cuja história remonta há no mínimo 11 mil anos com os povos caçadores e coletores que se aproveitavam da diversidade de ecossistemas e espécies úteis que o Cerrado oferecia. Esse patrimônio foi absorvido pelas comunidades camponesas em função da necessidade de uma relação de subsistência, conseguiram assim manter e talvez ampliar o conhecimento indígena de uso de plantas e animais do Cerrado (Mazzeto Silva,2002).

Essas populações não só aprenderam com os povos originários nos Cerrados, como desenvolveram toda uma rica combinação de agricultura, extrativismo e criação de animais de pequeno e grande porte que não só abasteceu vilas e povoados nos surtos de mineração que tiveram tanta importância na história dessas áreas.

A biodiversidade no Cerrado - que corresponde, segundo Vila Real (2001), à 10mil plantas, 6 mil espécies de árvores, 40% das espécies lenhosas são endêmicas, mais de 500 espécies de gramíneas, 837 espécies de aves, 195 espécies de mamíferos e ¼ das espécies de peixes descritos na América do Sul - foi sempre um recurso local comunitário. Um recurso é propriedade comunitária quando existem sistemas sociais que o utilizam segundo princípios da justiça e sustentabilidade. Isto envolve a combinação de direitos e responsabilidades entre os usuários, a combinação de utilização e conservação, um sentido de co-produção com a natureza e os membros da comunidade (Diegues,2000).

Com muitas dificuldades, várias comunidades indígenas conseguiram resistir, contribuindo para enriquecer a vida no Cerrado, a exemplo dos Xavantes, Krahôs entre outros (Anderson & Posey,1987 e Gonçalves,2004). Há ainda os remanescentes de quilombos, os Kalungas da Chapada dos Veadeiros – considerada singular pela maior densidade da biodiversidade do Cerrado, bem como o entorno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, que atinge a Terra dos Kalungas, que conta com 200mil ha e pode - se afirmar que esse tipo de apropriação da terra contribuiu para o baixo índice de agressão ao Cerrado na região (Baiocchi, 1999).

Nesta região pequenas propriedades convivem com a maior unidade de conservação deste bioma, com os sítios das comunidades alternativas e também dos quilombolas. Ali, populações tradicionais do Cerrado praticam tanto a agricultura como a criação e a exploração de espécies do cerrado. E o caso das populações negras, tal como a comunidade

do Cedro de Goiás, que atualmente mantém um amplo conhecimento tradicional de plantas medicinais o que propicia a possibilidade da produção de uma série de medicamentos. Baiocchi (1983) afirma que o trabalho coletivo realizado pelas mulheres da comunidade dissemina o conhecimento das plantas; são em sua maioria mães de família que garantem uma alternativa a mais de remédios para a indústria farmacêutica. Esta prática tem propiciado para a comunidade do Cedro uma alternativa aos tratamentos de saúde, com a produção de medicamentos de boa qualidade, e de baixo custo. A produção desses medicamentos e a sua comercialização vêm se transformando numa alternativa de geração de renda para a comunidade e inclusão social. Além disso, o projeto tem se constituído em forte mecanismo de reconstrução das tradicionais formas de organização social e cultural fixando os membros da comunidade a terra (Baiocchi,1983 e Almeida,1999).

Esta biodiversidade é um recurso do povo que depende continuamente dos recursos biológicos para obter comida e cuidar da saúde fortalecendo assim a diversidade cultural e ecológica. Apesar de considerável riqueza florística são estimuladas, todavia, as políticas e programas governamentais de expansão de frentes de agricultura comercial e especulativa (Ratts,2000). Assim, contribui-se para a abertura, a ocupação e para a intensificação da destruição do Cerrado e de sua biodiversidade. A conservação da biodiversidade do Cerrado deve indiscutivelmente inserir-se numa política mais ampla de desenvolvimento. No entanto, tal política para que seja efetivamente sustentável deve ser baseada na interação recíproca entre meio social e meio natural.

## **CONCLUSÕES**

Uma vez que é crescente a pressão sobre os ambientes naturais (Graziano Neto,1982) cresce também a necessidade de se conhecer mais sobre a ecologia desses ambientes. É necessário, também, conhecer mais sobre as plantas, principalmente em relação aos aspectos de propagação e cultivo. Para que isso aconteça é fundamental resgatar sobretudo as informações junto às populações locais e a troca de experiência entre organizações afins e órgãos de pesquisa, objetivando o repovoamento de áreas degradadas por comunidades locais afim de recuperá-las, bem como a domesticação de espécies de grande valor comercial. Trabalhando neste sentido, pensa-se garantir a preservação de espécies nativas de grande valor para a humanidade, a permanência dos sujeitos históricos

conhecedores da terra, e assim colabora-se na construção de uma proposta de uso e conservação do cerrado. Uma proposta de desenvolvimento para o Cerrado deve necessariamente ter em conta as populações tradicionais, os recursos produtivos da flora do Cerrado, como uma alternativa de sustentabilidade para este ecossistema e para a agrobiodiversidade.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. *Os Quilombos e as Novas Etnias* In: LEITÃO, Sérgio (Org.) Direitos Territoriais das Comunidades Negras Rurais. São Paulo, ISA, 1999, pp. 11-18.
- ALMEIDA, J. *Agroecologia: paradigma para tempos futuros ou resistência para o tempo presente* In: BRANDENBURG, Alfio (Org.) Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 6, p. 11-28, jul./ dez. 2002. Editora UFPR
- ALMEIDA, S. P. *As Plantas, A Saúde e as Alternativas Econômicas nas Comunidades do Cerrado*. In: Plantas Medicinais do Cerrado: Perspectivas Comunitárias Para Saúde e o Meio Sustentável. Anais do Workshop Plantas Medicinais do Cerrado. FIMES, Mineiros-GO: 1999, pág.208 a 236.
- ALTIERI, M. *Agroecologia: Bases Científicas para uma Agricultura Sustentável*. Guaíba: Ed. Agropecuária, 2002 .
- ANDERSON, B. A & POSEY, D. A. *Reflorestamento indígena*. Ciência hoje. 31(6):44-50. 1987.
- BAIOCCHI, Mari de Nazaré. *Negros de Cedro: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás*. São Paulo: Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_, Mari de Nasaré Kalunga: povo da terra. Brasília, Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.
- DIEGUES, A, C. *Etnoconservação da Natureza: Enfoques Alternativos*. In: Diegues, A, C. (Org.) Etnoconservação, São Paulo: Hucitec, 2000, pp. 1- 47.
- DIEGUES, A, C. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*, São Paulo: Ed. Hucitec, 2002.
- GONÇALVES, C.W.P. *Dos Cerrados e de suas Riquezas*. (texto inédito) Rio de Janeiro. 2004.
- GRAZIANO NETO, Francisco. *Questão agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- RATTS, Alecsandro J. P. *(Re) conhecer quilombos no território brasileiro: estudos e mobilizações*. In: FONSECA, Maria Nazareth S. (Org.) Brasil Afro-Brasileiro, Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2000a, pp. 307-326.
- MAZZETO SILVA, C.E. *Conhecimento local e sustentabilidade: lugares e saberes das ruralidades não-modernas dos cerrados*. Minas Gerais. BH. 2002.
- SHIVA, Vandana. *In Textos para debate 47 . A semente e a roca de fiar: desenvolvimento de tecnologia e conservação da biodiversidade*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 17p.
- \_\_\_\_\_. *Biopirataria*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- VILLA REAL, B. *Guia por onde andar\_ Roteiros turísticos comentados*. Nordeste Goiano- Goiânia: AGETUR, SEMARH. 2001.